



A Santa Sé

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 11 de Março de 1998

1. Depois de considerarmos a salvação integral operada por Cristo Redentor, queremos agora reflectir sobre a sua progressiva actuação na história da humanidade. Em certo sentido, precisamente sobre este problema os discípulos interrogam Jesus antes da Ascensão: «Senhor, é agora que vais restaurar o reino de Israel?» (*Act 1, 6*).

A pergunta, assim formulada, revela que eles ainda são condicionados pelas perspectivas de uma esperança que concebe o Reino de Deus como um evento estritamente ligado ao destino nacional de Israel. Nos quarenta dias entre a Ressurreição e a Ascensão, Jesus falara-lhes do «Reino de Deus» (*Act 1, 3*). Mas só depois da grande efusão do Espírito no Pentecostes eles serão capazes de captar as suas profundas dimensões. Entretanto, Jesus adverte contra a sua impaciência, impelida pelo desejo de um reino de contornos ainda muito políticos e terrenos, convidando-os a remeter-se aos desígnios misteriosos de Deus: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a Sua autoridade» (*Act 1, 7*).

2. Esta admoestação de Jesus sobre os «tempos de Deus» revela-se hoje mais do que nunca actual, após dois mil anos de cristianismo. Diante do crescimento bastante lento do Reino de Deus no mundo, é-nos pedido que confiemos no plano do Pai misericordioso, que tudo guia com sabedoria transcendente. Jesus convida-nos a admirar a «paciência» do Pai, que adapta a Sua acção transformadora às lentidões da natureza humana, ferida pelo pecado. Esta paciência já se manifestara no Antigo Testamento, na longa história que havia preparado o advento de Jesus (cf. *Rm 3, 26*). Ela continua a manifestar-se depois de Cristo, no crescimento da Igreja (cf. *2 Pd 3, 9*).

Na Sua resposta aos discípulos, Jesus fala de «tempos» («*xronoi*») e de «momentos» («*kairoi*»). Estas duas expressões da linguagem bíblica sobre o tempo apresentam dois matizes que convém

recordar. O «*xronoz*» é o tempo no seu decurso ordinário, também este sob a influência da Providência divina que tudo sustém. Mas neste ordinário desenvolver-se da história, Deus realiza as Suas intervenções especiais, que conferem a determinados tempos um valor salvífico muito particular. São precisamente os «*kairoi*», os momentos de Deus, que o homem é chamado a discernir e pelos quais se deve deixar interpelar.

3. A história bíblica é rica desses momentos especiais. O tempo da vinda de Cristo reveste uma importância fundamental. À luz desta distinção entre «*xronoi*» e «*kairoi*», é possível reler também a história bimilenária da Igreja.

Enviada à humanidade inteira, a Igreja conhece diferentes momentos no seu desenvolvimento. Nalguns lugares e períodos, encontra particulares dificuldades e obstáculos, noutros o seu progresso é muito rápido. Registam-se longos períodos de espera, nos quais os seus intensos esforços missionários parecem ser ineficazes. São tempos que põem à prova a força da esperança, orientando-a para um futuro mais distante.

Contudo, existem também momentos favoráveis, nos quais a Boa Nova encontra um acolhimento benévolo e as conversões se multiplicam. O primeiro e fundamental momento de graça mais abundante é constituído pelo Pentecostes. Muitos outros vieram depois dele e ainda hão-de vir.

4. Quando chega um destes momentos, aqueles que têm uma especial responsabilidade na evangelização são chamados a reconhecê-lo, para aproveitar melhor as possibilidades oferecidas pela graça. Mas não é possível determinar com antecipação a sua data. A resposta de Jesus (cf. *Act 1, 7*) não se limita a deter a impaciência dos discípulos, mas ressalta a sua *responsabilidade*. Eles são tentados a esperar que Jesus pense em tudo. Recebem, ao contrário, uma missão que os chama a um empenho generoso: «Sereis Minhas testemunhas» (*Act 1, 8*). Se com a Ascensão Jesus Se afasta do olhar deles, quer precisamente mediante os discípulos continuar a estar presente no meio do mundo.

A eles confia a tarefa da difusão do Evangelho no universo inteiro, impelindo-os a sair da estreita perspectiva limitada a Israel. Alarga-lhes o horizonte, convidando-os a testemunhá-lo «em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (*Act 1, 8*).

Consequentemente, tudo acontecerá no nome de Cristo, mas tudo se realizará também através da obra pessoal destas testemunhas.

5. Perante esta difícil missão, os discípulos poderiam recuar, julgando-se incapazes de assumir uma responsabilidade tão onerosa. Mas Jesus indica o segredo que lhes permitirá estar à altura da missão: «Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós» (*ibid.*). Com esta força os discípulos conseguirão ser, não obstante a debilidade humana, autênticas testemunhas de Cristo no mundo inteiro.

No Pentecostes, o Espírito Santo colma cada um dos discípulos e a inteira comunidade com a abundância e a diversidade dos Seus dons. Jesus revela a importância do dom da fortaleza («*dinamiz*»), que sustentará a sua acção apostólica. Na Anunciação, o Espírito Santo descera sobre Maria como «força do Altíssimo» (cf. *Lc* 1, 35), realizando no seu seio a maravilha da Encarnação. A mesma força do Espírito Santo produzirá novas maravilhas de graça na obra de evangelização dos povos.